A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

(EDIÇÃO ESPECIAL DA LIVRARIA GOMES)

N.º 24 | Domingo 11 de junho | 1893

VISCONDE DE CHANCELLEIROS

Ao ver aqui o retrato do Visconde de Chancelleiros quantos o conhecem de perto devem, como eu, ficar admirados.

Este retrato certo lhe foi tirado por traição! O titular illustre, cujo medalhão offerece hoje aos seus leitores a *Semana de Lisboa*, só por via do processo instantaneo de photographia podia ter-se copiado. Elle não era homem para sujeitar-se ás exigencias da arte, aos caprichos da luz, aos cuidados do pintor, ás tyranias da *pose*, com a resignação de victima a tratos na inquisição do *atelier*. Cilada foi de certo de amigos ou admiradores dos seus dotes singulares.

Deixa-se retratar, procura mesmo que o reproduzam... favorecido, um namorado; um occioso; um Narcizo; um casquilho; um artista, que prepara com a exibição da sua effigie a exibição dos seus dotes. O visconde de Chancelleiros, não! Nem lhe sobra tempo, nem carece de exibições artificiosas; e tem demasiado orgulho para ceder a vaidades.

Reproduz-se elle, sim, nos seus filhos que afeiçoa e cria bem á sua imagem, nos seus trabalhos de lavrador, que só se parecem com os dos seus visinhos quando elles imitam os labores da Cortegana, nos seus trabalhos de austera administração politica, nos seus discursos parlamentares.

Em tudo isto se lhe manifestam as feições caracteristicas, em tudo isto se lhe reproduz a individualidade accentuada e distincta.

Nunca procurou modelos; e para quê, se Deus o fez incapaz de imitações?

Toda a gente que estuda, aprende; elle assimilla e concebe; o que de fóra lhe vem, se elle o acolhe e perfilha, torna-se-lhe substancia propria. E o que elle acceitar é bom.

Desde que assumiu os seus direitos de maioridade a mancipação do seu espirito fez-se completa e prefere, a ser analista, ser convicto.

Luctador, é incapaz da obdiencia. Gigante indisciplinado, lucta por si, lucta por conta propria, sob o só commando que reconhece e respeita: — o da sua consciencia.

Lucta sempre; sem esmorecimentos; sem vacilações; sem receio de ficar vencido; quer seja contra o mildiú dos vinhedos, quer contra a phyloxera da politica. E se aqui e lá tem tido revezes, como Anteu se levanta, com forças multiplicadas

Justo, como é, teve sempre pouca tendencia para acompanhar os grandes partidos. Não via n'elles communhão de idéas; suspeitava-lhes só communhão de interesses; tinha uma vaga desconfiança de que a sua cohezão lhes advinha menos da amizade que da cumplicidade. E d'aqui o seu horror aos uniformes. Tem farda, sim, mas é tambem singular.

Entendia e com razão que as grandes agremiações representam a força, mas que a força não é a razão e póde não ser a justiça. Galileu era só, contra todos os padres que o forçaram a abjurar; mas elle—só—dissera a verdade. Os padres venceram; elle convenceu.

Ha poucos sustenidos e bemóis na voz do Visconde de Chancelleiros, mas ha vibrações metalicas nas suas notas que acordam todos os remorsos, que verberam todos os vicios, e só se extinguem depois de se fazerem repercutir em todos os eccos.

O piano de Erard tem muitas outavas; causa admirações; a lyra d'Orpheu tinha pouquissimas cordas, mas domava as féras e commovia os Deuzes.

Tem auctoridade incontestavel. E por que a tem? por que trabalha, por que produz, por que ensina, por que lucta e vence. Por que tem o brio individual, o amor proprio, a estima de si e dos seus—no presente, no passado e no futuro; porque as suas ambições d'homem publico se não limitam ás ephemeras victorias d'um grupo, d'uma aggremiação, d'um syndicato politico; dominam de mais alto em muito mais largo horizonte.

Par, como na camara lhe fiquem de costas os ministros, nem repara para quem sejam, nem lhes procura vêr as feições, que ás vezes são muito suas conhecidas. São do *executivo;* elle é do *legislativo.* Filho genuino d'um deputado de 1821.

Quando ministro, côntem os collegas com a sua lealdade inconcussa; côntem com os seus sacrificios; jámais com a sua subserviencia. Não o fez a natureza para eunuco da politica. Não deixa mutilar-se nem ferir-se na sua integridade viril. Convem isto ás convenções, ao symbolismo constitucional? Convem, principalmente, ás pretendidas concentrações empiricas em que a absorpção é implicita no dogma heterodoxo da infabilidade presidencial?

Pobre da nossa politica!

Lavrador, o Visconde de Chancelleiros é uma—excellencia—que merece o tratamento de—*senhoria*—, visto como rege o seu dominio senhorial, que se chamaria a *honra* da Cortegana, se 1820 não tivesse confundido com os donatarios os verdadeiros senhores.

Ali n'aquelle paraizo terreal, o visconde é o encanto dos seus hospedes, sempre que o deixam em descanço os feitores, abegões e creados de lavoura, que tudo elle dirige e em tudo superintende.

Como em meio de tanta lida séria, de tanta multiplice canceira lhe poderam tirar o retrato não logro eu descobrir nem conjecturar.

Seria surprehendido no campo quando fazia por inteiro a replantação das suas vinhas? Seria na camara dos pares ao brotar-lhe espontaneo um dos seus *àpartes* fulgurantes?

Não sei.

Eu que tinha com prazer acceitado a incumbencia de moldurar o medalhão d'esta distincta individualidade, com alguns baixos relevos indicadores de successos da sua vida, o que na antiguidade se fazia nas espiraes das columnas sobrepujadas pelas estatuas dos benemeritos, nada posso fazer, senão deixar aqui a minha exoneração.

Quiz falar d'elle, ou fosse do lavrador ou do parlamentar; quiz referir-me a seu pae, o nosso primeiro ministro da fazenda; quiz referir-me á memoria de sua mãe, senhora cujo nome fui encontrar na India, onde, no governo do Conde da Ega, os seus maiores derramaram sangue na tomada de Pondá; tudo me foi negado, pela mais doce forma de me ser prohibido.

Acercara-me d'elle e dos seus, que bem quizeram ajudar-me, diga-se em boa verdade, a obter informações, que outrem, que não fosse o Visconde de Chancelleiros, me forneceria, sem a menor offensa ou da sua modestia ou do seu orgulho. Elle porem foi o transmontano intratavel o verdadeiro serrano de Marão, negando-se obstinadamente a conversar comigo no que dissesse respeito, nem de perto nem de longe, á sua personalidade.

E com esta denuncia me vingo, pedindo perdão á memoria de seu nobre pai de assim lhe tratar a patria, tão illustre e tão heroica, para me vingar do filho.

—Que ficasse o retrato sem cercadura,—era o seu desejo e foi o seu pedido.

—Seja feita a sua vontade.—

Na camara dos pares houve sempre individualidades inconfundiveis; indobraveis a caprichos ou prepotencias de camarilhas, ou de corrilhos, a exigencias da moda, a tentações de vaidades. Chega-se n'este caminho a um exagero que pode parecer selvagem; mas é respeitavel.

O Visconde de Chancelleiros é representante genuino das tradicções mais distinctas e tambem das mais intransigentes da camara dos pares.

Fique-lhe o retracto sem moldura.

—«Se da eternidade, me disse elle, se vê o que vai passando no mundo, e se no meu enterro alguem se lembrasse de se me dirigir com lizongearias plangentes á beira do tumulo, quebrava-se para mim dolorosamente o que chamamos aqui—descanço eterno.—E se eu parecesse tão grande em vida que merecesse uma estatua para eternizar a minha memoria, julgar-me-hia, vendo-me de lá, exposto em pelourinho perpetuo.»—

Pois bem; não o molestem as notas soltas que o meu culto pelos suas nobres qualidades quizeram pôr em phraze, de modo nenhum elogiosa,—correcta e justa.—

Nem historia nem biographia, não cabiam aqui; nem se lhe podem escrever; biographia, por que elle não esconde mas reserva a sua intimidade; historia por que elle será diuturnamente um contemporaneo.

A minha palavra a ninguem seria suspeita de lizonjas, que alguma vez tenho tido necessidade de varrer golpes mais ou menos directos das suas armas açacaladas. Seria sim um testemunho da justiça com que aprecio e estimo qualidades varonis, no tempo e no paiz em que é preciso ter homens, e honral-os.

. . . .

Ia terminar sentido e triste, quando ouço repicar em festa de *alleluias* na capella recatada e particular das minhas intimas devoções.

O Visconde de Chancelleiros reconheceu emfim que retribuia mal um sentimento bom por que era justo; arrependeu-se, e nobremente me conpensou, escrevendo, elle proprio, em carta que ficará para a nossa historia litteraria indiluivel por quantas lagrimas vertam os modernos *carpideiras* que lhe vão recitar nenias a beira do tumulo, as notas precisas ao seu retrato.

Escreveu sorrindo, e deixando correr na carta as notas de finissima ironia que manifestam, na sua dicção e na sua escripta, um dos mais notaveis apanagios do seu talento.

Chorou porem ao recordar-se da morte de seu pae succedida no instante em que José Estevam honrava a palavra do filho n'um rapto d'ardente apotheose e n'uma hora de dupla luctuosa, mostrando ao velho que partia a creança que se manifestava? abençoadas lagrimas! E a ponto vem a referencia incidental; recorda ella um momento dos mais solemnes da vida do Visconde de Chancelleiros; dos mais afflictivos nas provações de Portugal. — Mais uma vez uma nação poderosa desconhecendo os nossos sagrados direitos se deshonrava, roubando-nos.

Manuel Antonio de Carvalho, o barão de Chancelleiros, ainda ouviu da entre-aberta porta da eternidade a vóz de seu filho, vibrante de nobre indignação e de extremoso patriotismo; e disse para comsigo e disse para Deus: — reconheço emfim que não morri. —

Vamos ler a carta.

«*Meu caro collega:*

«Não me peça esclarecimentos sobre a minha vida politica e sobre a minha vida social porqûe lh'os não posso dar que valham qualquer coisa para o ingrato trabalho que o meu amigo se impoz de escrever duas palavras a meu respeito. Não marco na craveira pela qual se mede a estatura dos homens publicos a altura que dá direito á distincta honra do medalhão em que v. me fala. É esta a verdade, mas se v. quer perpetrar essa injustiça faço-o. Deixa assim preteridos muitos direitos adquiridos que é hoje moda respeitar. Que seja, porém, esta a ultima homenagem que a minha condição de homem publico me obrigue a acceitar.

«Vou já adeantado na carreira da vida, e quando ella me désse ensejo de esperar qualquer coisa ainda de futuro, creio que, mercê de Deus, não chegarei nunca á posição de merecer que á beira do meu tumulo gemão nenias sentidas quaesquer oradores de rhetorica funebre, tão falsa como as flôres de panno pintado com que é moda hoje coroar os mortos.

«Sem encarecimento de modestia, detesto todas as saliencias que me ponhão fóra do plano em que assenta a minha mediocridade, e d'ahi já a repugnancia com que luctei para satisfazer, por condescendencia, com a instante obsequiosidade do redactor da *Semana*, o seu empenho em obter o meu retrato. Elle lhe poderá dizer que não minto.

«A minha vida politica? Mas que lhe posso eu dizer que v. não saiba? Sou par do reino por direito hereditario. Se o não fosse por investidura da carta não o teria sido nunca. Sahi da universidade para a camara dos deputados, e d'ahi para a camara dos pares. Lá, sem jurar bandeira em partido algum, auxiliei a maior parte das vezes o movimento da opposição no seu trabalho incessante de conquistar o poder sob a invocação do alto principio da rotação constitucional, especie de afolhamento que tão pouco tem aproveitado á cultura do campo onde os cardos bravios tem afogado toda a semente que lançámos á terra, deixando apenas sobresaír entre elles a alcachofra do *defficit*, que queimamos todos os annos na fogueira do S. João para a ver reverdecida depois, no principio de cada anno economico, ou, para maior rigor de expressão, — de cada anno anti-economico das nossas gerencias financeiras.

«Tenho fallado muitas vezes na camara, e, apezar de em uma ou outra occasião ser felicitado pelos amigos, sinto sempre no fim de cada discurso aquelle desalento do espirito que vem da convicção que trouxe hoje ao nosso Cazal a phrase de desprezo pela rhetorica parlamentar, que elle esteve condemnando no seu proprio verbo.

«Ainda assim, meu caro amigo, e em boa verdade lh'o digo, esse desalento não importa o menosprezo por aquella eloquencia que vem do coração — *cor est quod disertos facit*, que é a manifestação mais poderosa da alma humana, que é o propulsôr electrico das multidões, e que, se não deixa talvez um rasto de luz entre as constellações que brilhão no firmamento da arte, deixa ao menos no espirito de quem a ouve, um tom sentido de harmonia intima que vive na memoria do coração, que tambem tem memoria, e que, relembrado por ella, nos traz o echo fiel de voz que ouvimos, e que tão de longe nos commove e impressiona ainda.

«Aqui estou eu agora sentindo que de subito me marejão os olhos, ouvindo as palavas que devi a José Estevão, o grande orador, tão grande como a alma do povo cuja incarnação era, quando na questão de Charles & George se referiu ao espirito do homem que se desprendia da terra no proprio momento em que seu filho levantou no seio da representação nacional a sua voz contra o acto violento e brutal que inspirára ao grande orador a sua memoravel e patriotica oração.

Ia eu dizendo que sou par do reino contra vontade —*par droit de naissance;* contra vontade fui tambem, duas vezes ministro, mas nunca *par droit de conquête.* Em ambas ellas não servi o paiz a meu contento, nem creio que tambem a contento d'elle, mas tive a honra de servir muito a contento de Sua Magestade El-Rei, honra que teria no maior apreço se não visse que de tantos ministros de estado servindo a contento de El-

Rei resultou o triste estado a que chegámos, tão pouco a contento do paiz!

«Plutarco de mim mesmo, por obediencia aos seus desejos, aqui tem v. a vida d'este homem illustre. Nada recebi da politica, nada tambem lhe tenho dado senão o fraco concurso de minha palavra e dos meus bons desejos. O que ella me tem custado, porém, constituia hoje um bello dote para qualquer das filhas que tenho a educar em terra estrangeira, e sem que disso me arrependa, na terra que tantas invectivas nos mereceu, mas que deve a sua grandeza a qualidades que nos faltão, como a da confiança em nós mesmos, a das virtudes civicas austeras e viris, alliadas á prudencia, e á frieza do raciocinio, e á observancia rigorosa de preceitos que nos impõe o respeito pela liberdade dos outros, para que a nossa propria liberdade e dignidade sejam respeitadas tambem; que junta á pujança de uma actividade febril o culto pelas virtudes domesticas retemperando ao calor do *home* as forças perdidas na lucta pela vida... Mas onde ia eu agora e que tem v. com estas considerações?

«Disse-lhe já da minha vida politica; da social que lhe posso eu dizer tambem.

«Figuro no *hig-life*, como o commum dos mortaes, quando faço annos. Figurei tambem outro dia como doente, quando estava de saude, o que sobresaltou os poucos amigos que por ella se interessão. Vivo longe do bulicio da côrte, d'esta esplendida côrte em que se faz a avenida, para se fazer alguma coisa, com as mesmas pessoas e os mesmos trens, como com aquellas folhas de chá no tempo do nosso Tolentino se fazia *o cançado chá que ferve com esta e setima vez.*

Faço lavoura, trabalho pela regeneração da nossa industria viticola, a favor da qual como v. sabe falei hoje na camara. Sou dos que pensão que da terra — *alma mater* é que tem de vir, se vier, a nossa regeneração economica, que já não vem cedo. Lá, no meu isolamento, onde já fui por mais de uma vez surprehendido e honrado com a visita de mais de um ministro, vejo e sinto muita verdade que não tem echo no ambito da nossa politica, e que não é ouvida por elles. Se eu lá apanhasse um que não fosse de viagem de ida e volta, e me desse tempo, e tivesse pé para ser enxertado, mandava-o enxertar. Um ministro portuguez enxertado em cavallo americano não seria resistente ás phylloxeras? Se v. julgar que sim, ponha essa ideia ao serviço do seu partido.

Que mais quer que eu lhe diga? Do meu *eu* subjectivo pouco lhe interessará saber. Em todo o caso, e a despeito do são preceito — *de te parce*, — aqui entre nós, dir-lhe-hei que sou um homem franco, leal, sincero; quer dizer, dotado de todos os predicados que determinão, no meio em que vivemos, a excentricidade de um misanthropo.

«Tenho feito o bem pelo bem; mas infelizmente, se tivesse de tomar uma divisa, como synthese da minha vida, em todas as suas relações, adoptaria a de: — por bem fazer mal haver! — E ainda assim não digo como o nosso Camões:

> Quando os olhos emprego no passado
> De quanto passei me acho arrependido.

Não. Fiz o meu dever.

> *Fais que dois*
> *Advienne que pourra*

Seu...

CHANCELLEIROS.»

*
* *

Agora sim! temos aqui, perfeito, completo, o retrato do Visconde de Chancelleiros. Aqui, em traços francos, sinceros e leaes, temos a vida que faltava na imagem muda, fria, inerte, que esmalta esta noticia. Vem elle conversar, apresentar-se, receber e tratar fidalgamente na sua casa os que o estimam, os que o admiram, os que o respeitam, os que por simples curiosidade o queiram conhecer ou ver de perto. Bem haja a minha insistencia, bem haja a do redactor d'este jornal e bem haja a benevolencia do meu prezado collega e amigo.

—«Não bati á porta do vosso jornal; recusei-me quanto poude a entrar nas suas galerias, como quadro, nas suas columnas, como assumpto; mas, pois que a vossa amizade me obriga, aqui me tendes, abertas de par em par as minhas portas para vos receber e honrar, como homem publico, como vosso compatriota, como simples particular. Faço-vos eu proprio a minha apresentação.»

Um traço de portuguez antigo. — De *Portugal velho*, — como se diz na Beira.

Esta carta faz lembrar o — *Intus et in cute* — das confissões de Rousseau. Escreve assim quem nada tem que esconder na sua vida publica ou privada.

O Visconde de Chancelleiros realiza hoje um sonho de Zorrilla, quando se offerecia gentilmente a um pintor para completar as suas obras, dando-lhes a vida que lhes faltava:

> —«Tu nos pintarás el hombre
> con su choza ó su palacio,
> y yo te diré su nombre
> y lo que en el mundo fué;
> tu al mundo darás colóres,
> yo le daré lengua e vida;
> tu pintarás los amores,
> y yo te los cantaré.» —

Ingrinaldem estes formosissimos versos a moldura do retrato que illustra hoje a primeira pagina d'este jornal.

THOMAZ RIBEIRO.

No proximo numero, o medalhão da Sr.ª D. Grimanesa Vianna de Lima. Artigo de José Antonio de Freitas.

CHRONICA ELEGANTE

Emquanto no nosso mundo elegante se não realisam as festas da estação que dêem assumpto para esta chronica, vejamos o que vae succedendo n'outros paizes, onde, apezar do calôr, continuam os finos banquetes, seguidos em geral de uma *soirée* em que se dansa apenas um *cotillon*, mas um *cotillon* que se prolonga em marcas do mais variado e pittoresco effeito.

Entre os jantares dados ultimamente na sociedade elegante de Paris, tornou-se notavel o que foi offerecido pela Princeza Ferdinand de Lucinge Faucigny, e ao qual assistiram sessenta convidados, vinte senhoras casadas, vinte homens casados e vinte homens solteiros. Para que o convivio fosse mais agradavel e assumisse um caracter de maior intimidade, o banquete foi servido em vinte pequenas mezas dispersas n'um extenso e luxuoso salão. A cada meza tomavam logar uma senhora casada, um homem casado e um homem solteiro.

Pode imaginar-se como o jantar correria animado e alegre, e que profusão de criados e que riqueza na baixella seriam necessarios para que o serviço se realisasse com os primôres e os requintes de elegancia que tornaram notavel este banquete.

Não diz o chronista parisiense se no jantar da illustre Princeza se adoptou o meio, actualmente em uso nas casas mais elegantes, de indicar a cada convidado a senhora que deve conduzir pelo braço para a sala do jantar e o logar em que a deve collocar á meza e aquelle que deve procurar para si. Esse meio consiste no seguinte:

A cada convidado que chega entrega o *maître d'hotel*, que está postado á entrada do salão, um pequeno *envellope* que lhe é destinado. Dentro d'esse *envellope* está um cartão com o nome da senhora que ao convidado compete conduzir para a sala, e os respectivos logares que a cada um compete á meza. Excusado será dizer que tanto o sobscripto como o cartão são feitos expressamente para aquelle fim, escolhendo-se para isso um papel especial, adornado com graciosas illuminuras desenhadas por mãos de artistas.

Entre nós ainda não está em uso este meio de fazer as indicações aos convidados de um jantar; mas é elle tão util, tão elegante e tão decorativo, que não deve ser desaproveitado pelas pessôas que na nossa primeira sociedade offerecem durante o inverno, os magnificos banquetes, a que nos temos referido.

— Partiu hontem para Cintra, onde vae passar a estação calmosa com sua esposa e filha, o sr. Costa Motta, illustre secretario da legação do Brazil entre nós.

GRAZIEL.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A VILLEGIATURA

A villegiatura que era outr'ora um privilegio para as pessoas abastadas, tornou-se hoje, pela facilidade nos meios de locomoção, accessivel a todos, ricos e pobres, sem ser mister possuir um solar patrimonial, no meio de largos montados e tapadas, para se passar alguns dias de verão na serenidade e pureza do ar do campo.

Sem dispendio que importe sacrificio, a todos é hoje permittido ir gosar, durante os mezes de calor mais ardente, o refrigerio que se encontra na atmosphera vivificante das montanhas e da beira-mar.

A facilidade dos transportes e a modicidade dos preços, a profusão de hoteis e de restaurantes que por toda a parte se encontram, quer nas estações thermaes, quer nas praias, animam as pessoas de mais modestos haveres a sahir das cidades nos dias de calor asphixiante, procurando repousar o corpo e o espirito na frescura e na serenidade do campo.

«A paz augusta de que se reveste o campo, quando a noite cae — diz a illustre Baroneza Staffe — o profundo silencio que nasce com a noite acalmam e purificam o corpo e o cerebro fatigados. Dissipam-se as ideias mesquinhas, cae a paz do céo e com os poderosos effluvios da terra vem a força. Venham todos ao campo! O operario que aos domingos se dirige para os arrabaldes da cidade retempera-se ali n'um banho salutar de ar e de frescura. N'outros tempos podia prescindir se

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

Caldeira in medio est fornacis torrida flammis,
Latum vas, navisque vaporis majus aheno,
Congeries quod lignorum alta temperatura
Exardens conservat supra mille diabos.
Caldeira illa est certa Peri famosa Botelli.

Tunc fervente in aqua liventia corpora mergunt,
Adjiciunt acida inflamato ex sulfure, terra
Vulcanos prope capta, et distillata per ora
Plumbi alambicorum longa in plumbea cella.
Chlorydrica addunt postea, azotica, denique quantas
Faeces Alchymica immundo diffundit ab antro.
Mexunt atque remexunt, fumis aethera toldat
Corrupta exhalatio sordens, arvaque foedans.
Illae Tartareae volucres, Stymphalia monstra,
Quas maculant non tantum spirant turpiter auras.
Sic mixordibus illis tirant crassa guana.
Palea, qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, et egressus Conimbra postea paulo

FOLHETIM

CONGRATULATIO CANUM

No meio ha da fornalha uma caldeira a arder
que excede a do vapor maior que possa haver;
montes de lenha em volta a alta temperatura
de mil diabos dão e sem cessar lhe dura.
É de Pero Botelho ao certo o caldeirão.

Posto, n'agua a ferver os pôdres corpos são
com acido de enxofre ás lavas arrancado
nos vulcões, e que após em chumbo destillado
dos tubos da retorta ás plumbeas cellas vem;
juntam-lhes chloro e azote, e quantas fezes tem
a chimica extrahido aos seus covis immundos.
Mexem, remexem, fumo enlucta os ceus profundos,
os campos corrompendo o sordido vapor.
As aves infernaes, monstros d'eterno horror
não enxovalham tanto a aragem que respiram.
D'essa mixordia assim guano crasso tiram.

Palha que outr'ora honraste a frauta folgazan

d'esta communhão com a natureza, que é tão necessaria, que é até indispensavel em nossos dias. Era quando se ignorava esta terrivel aspereza da lucta pela existencia, quando a vida não era febril e agitada como hoje, mas tambem quando, por uma justa consequencia, não havia os meios de locomoção cada vez mais rapidos e menos dispendiosos, que estão hoje ao alcance de todos, ou de quasi todos.»

São estas as palavras da insigne escriptora franceza.

Sigamos, pois, os seus conselhos, e procuremos no campo e na beira-mar a paz do espirito e o repouso do corpo que os requintes da civilisação tornam necessarios e faceis.

UMA RECEITA

A limpeza do ferro. — Não ha como a humidade para ennegrecer e corroer os objectos de ferro.

Quando um qualquer apparece coberto de ferrugem, deve polir-se muito bem, e esfregar-se depois com essencia de terebenthina e azeite.

Para evitar a ferrugem, applique-se ao metal oleo de linhaça a ferver, deixando-se que seque sem se limpar.

Preservam-se da oxidação os velhos objectos de ferro artisticos pelo seguinte processo:

Faça-se uma infusão de plombigiana, 100 grammas; ammoniaco, 15; azeite, 30; cêbo em pau, 100. Applique-se depois esta substancia ao objecto.

Tambem se evita a ferrugem nos objectos de ferro ou de aço, mergulhando-os, de dois em dois annos, n'uma solução carbonato de soda.

Anniversarios da semana

Domingo 11 — As sr.as: D. Georgina Serzedello, D. Angelica de Carvalho Cordeiro, D. Anna Monteiro Seixas Andrade, D. Maria Ludovina Noronha, D. Maria da Luz de Vasconcellos Antunes.

E os srs.: Visconde de Taveiro, D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, Jayme Augusto Scarnichia, João Justino Moraes Teixeira.

Segunda-feira 12 — As sr.as: Marqueza de Rio Maior, Viscondessa de Roboredo, Viscondessa de Tavira, D. Beatriz de Lencastre, D. Isabel Madureira Chaves D. Maria Barbara Judice da Costa.

E os srs.: Visconde da Graça, Barão da Ribeira da Pena, João Maria Groot da Costa Freire Sobral, João Augusto de Abreu e Sousa.

Terça-feira 13 — As sr.as: D. Jacintha de Barros da Fonseca (Magalhães), D. Amelia da Silva Leforte, D. Eliza Fletcher, D. Maria Allen Ferreira Pinto Basto, D. Maria Antonia da Cunha Seixas, D. Maria Helena de Sequeira de Sousa (Pernes), D. Maria Francisca de Avillez.

E os srs.: D. Rodrigo José de Mello (Asseca), Antonio Garcez Pinto de Madureira (Varzea do Douro), Jayme Mauperrin Santos, Victor Sassetti, José Antonio Vianna, José Alfredo da Camara Leme.

Quarta-feira 14 — As sr.as: Condessa de S. Martinho, Viscondessa da Serra da Tourega, D. Maria José do Amaral Castello Branco, D. Maria José Barreiros Arrobas Machado, D. Marianna de Sousa Feio (Boa Vista).

E os srs.: João José Caldeira (Borralha), João Nunes Ribeiro Montanha.

Quinta-feira 15 — As sr.as: D. Maria Rosa de Jesus Vaz de Carvalho (Monção), D. Aurora C. dos Santos, D. Anna Margarida de Espergueira.

E os srs.: Visconde do Desterro, Antonio Affonso Velloso (Freixe), Anselmo Sousa Mattos (Almeirim), João Lobo da Silveira Guedes Pacheco (Alvito), Ignacio Augusto do Vadre e Mello (Andaluz).

Sexta-feira 16 — As sr.as: D. Ernestina do Carmo Correia Saraiva, D. Luiza Teixeira Sampaio, D. Maria Policena Vieira Mendonça (Abrigada).

E os srs.: Barão do Calvario, D. Thomaz Maria Manuel de Vilhena (Alpedrinha), João Eduardo de Brito e Cunha, João Guilherme de Brito.

Sabbado 17 — As sr.as: D. Julia de Seabra e Castro, D. Thereza Lobo de Almeida Mello e Castro (Galveias), D. Sophia Kopke da Fonseca Gouveia, D. Maria Clara de Menezes Porreiro.

E os srs.: Mario Pinheiro Chagas, Manuel Pinto de Almeida, Sebastião Maria Gonçalves Freire.

Virtutes Fabiae, Catimbalique caballi
Blando lusisti modulo risuque soluto.
Ut callas, dic? et quae te dementia cepit?
Jam tibi fas est vincula dulcia nempe catenas
Proh! pudor auriferas, Borralhae rumpere Gatae.
Gallas et timeo, et cancanum cruribus altis
Saltantes horresco, astutaque lumina earum.

Nos cur non defendis, Palea, vindice pluma?!
Ad guanum hostes qui nunc omnia vertere nostra
Pertendunt irati, jam tibi sunt inimici.
In primis Almeida Ludóvicus, alma ferina,
Cui natae sunt pulchrae, cui sunt figada brava.
Ferrea sed praesertim saevaque bellua Joseph
Jesuitas qui et nos Orco mettere fundo
Ruminat imo pectore, nocte dieque soturnus.
Jam crassasque nates ac terga leporibus ambo
Et latego versorum elato, Palea, tunde.

Parcere nunc obtestor, docte Cunicule, metris;
In prosa tibi, musarum mi nomina nostra
Auxilio licitum fuit alta ad sidera ferre.
Audax invisusque licet nos mordeat atro
Zoilus atque ferens infixo dente venenum,
Justitiam praebebunt postera secula nobis.

THOMAZ DE CARVALHO.

e, deixando depois Coimbra tão louçan
as virtudes de Fabia e o Catimbau sendeiro
chasqueaste á risada em verso prazenteiro;
porque te callas, diz? que insania te colheu?
quebra as cadeias de oiro, os laços que te deu
a Gata Borralheira, oh! dôr, tão doce e terna.
Temo a franceza audaz, mostrando ao alto a perna,
nos saltos do cancan, temo-lhe o astuto olhar.
Pousas a penna, Palha, e não nos vens vingar!
Os que em guano a nós nos querem transformados,
teus inimigos são ha muito declarados;
olha o Luiz d'Almeida, o coração cruel
com filhas divinaes, e figados de fel.
Mas inda mais José, o ferreo, mau, soturno
que noite e dia a sós rumina taciturno,
jesuitas e cães no inferno sepultar,
nas nadegas e lombo açoites a estallar
tunda-os, Palha, a valer com teu chistoso plectro.

Coelho douto, agora, imploro venia ao metro.
Tu na prosa o teu nome ergueste ao alto ceu,
das musas com o auxilio alli levei o meu:
e se zoilo atrevido em negra inveja ardente
enterrar-nos vier o envenenado dente
justiça nos farão por fim vindouros seculos,
(os seculos por vir, sem odio, em santa paz
justiça te farão, ao Ayres e ao Thomaz.

MISS LILY

Volta do parque e a commoção aviva
Da sua face as rosas matinaes.
Na mão, traz com cuidados maternaes
Uma nevada borboleta viva.

Abre do *hall* os lucidos vitraes.
Em torno ri a madrugada estiva.
E ella passa, enlevada e pensativa
Como os anjos dos gothicos missaes.

Emfim, levanta o transparente olhar,
Feito d'azul e d'ideal doçura,
Lago d'Escossia abrindo se ao luar,

E n'um gesto de doce singeleza...
Pica em setim, pr'a conservar lhe as azas,
A agonisante borboleta presa.

O RELOGIO

Encostada de leve á clara espalda
Da sua alta cadeira armoriada,
No salão, que, em nubente madrugada,
Watteau de Pastoraes todo engrinalda

A marqueza sorri, sob a grinalda
Que lhe cinge a cabeça polvilhada,
E n'um pequeno mostrador de jada
Fita os olhos de limpida esmeralda.

Trilla emfim o relogio multicor.
E ao dispersar das vibrações sonoras
Ouve-se perto uma canção d'amor.

E ella vê tudo entre immortaes auroras...
Só não vê, no impassivel mostrador,
A Morte, immovel, a contar as horas.

DANIELLA.

EPHEMERIDES SEMANAES

4 — Concerto no Conservatorio, offerecido pelo pianista Vianna da Motta aos alumnos d'aquelle estabelecimento.

5 — SS. MM. regressam de Beja.

6 — Reune o conselho da Escola de Bellas Artes para accordar no modo de prestar homenagem á memoria do eximio pintor Silva Porto.

7 — O sr. Conde de Burnay renuncia, perante a camara dos deputados, ao seu logar de representante do circulo de Thomar.

— O sr. ministro das obras publicas apresenta á camara dos deputados a proposta de lei relativa ao estabelecimento do cabo para os Açores.

— É destruido por um incendio o mercado 24 de julho.

8 — A commissão do orçamento da camara dos deputados approva os pareceres das sub-commissões que nomeara para estudarem as propostas do governo.

9 — SS. MM. assistem á festa do Coração de Jesus, na egreja da Estrella.

10 — S. M. el-rei parte para Tancos, a assistir aos exercicios de engenharia no polygono.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

Apesar de ir já adeantada a estação calmosa, a estreia de tres artistas no Real Colyseu attrahiu na ultima funcção de moda uma grande concorrencia de espectadores.

A primeira das tres artistas a exhibir os seus trabalhos foi mademoiselle Sakontala, que é domadora de pombas e serpentes. Depois de enroscar em volta da cintura e do busto duas ou tres enormes serpentes, a domadora faz abrir uma cesta, e chama as pombas, que sahem esvoaçando para irem pousar nos braços e na cabeça de Sakontala.

A segunda artista foi mademoiselle Dicka, a *mysteriosa*, que é uma perfeita illusionista, e que maravilhou o publico pelos trabalhos de prestidigitação e de magia branca, realisados no palco, dentro de uma camara toda forrada de negro. D'entre os seus trabalhos o que mais impressionou os espectadores foi o apparecimento inesperado de um esqueleto, que se desconjuncta e se move á mercê da varinha magica da artista. Chegava a causar arripios aos menos temerarios vêr ao longe aquelle esqueleto, agitando o craneo, os braços e as pernas no delirio d'uma verdadeira dansa macabra!

Muito pesadello deveria ter causado aquelle mysterioso espectaculo!

A terceira artista que se estreiou foi mademoiselle Gabrielle Demansy, *écuyère* de alta escola, com fama adquirida nos principaes circos de S. Petersburgo e de Moscow.

Gabrielle Demansy está no começo da sua carreira. É uma elegante e graciosa parisiense, discipula do insigne picador Filis. Alta, airosa, de cabellos louros e olhos azues, activa e intrepida, executa os mais difficeis trabalhos de alta equitação. Os seus cavallos são da mais pura raça.

Na segunda noite em que trabalhou, a distincta *écuyère* substituiu o trajo de amazona por um elegante *travesti* de official de cavallaria hungara, todo bordado a ouro, e apresentou-se no circo montada á *califourchon*. A sua entrada foi assignalada com uma salva de palmas, a que a gentil artista correspondeu, levando a mão á pala do kepi, n'um gracioso gesto militar.

Não sabemos se o nome de mademoiselle Demansy figura já nos livros do Baron de Vaux entre os de Elvira Guerra, Radhen e outros. Dentro de pouco tempo, porém, será considerada pelos verdadeiros apreciadores de gineta como uma das melhores amazonas.

O publico de Lisboa tem acolhido a nova *écuyère* com repetidos e calorosos applausos.

•

Colyseu dos Recreios

Continúa n'este circo a companhia de operetta italiana, que umas noites é ouvida por muitos espectadores e outras por uma insignificante concorrencia.

•

Nos poucos theatros que ainda se conservam abertos teem continuado os espectaculos conhecidos, attrahindo apenas os espectadores mais intrepidos contra o calor.

•

Praça de touros

Alfredo Tinoco, o distincto e sympathico cavalleiro, realisa hoje o seu beneficio. Os seus amigos e admiradores preparam-lhe uma festa enthusiastica.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1